



CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE ITAITUBA – LTDA
FACULDADE DE ITAITUBA – FAI
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS

FRANCELI SOARES OLIVEIRA

**A PERFEITA/IMPERFEIÇÃO DA MULHER COMO UM SER
SEXUADO, SENSUAL E LIVRE: um olhar para o erotismo e tabus
sexuais expressos em obras de Nelson Rodrigues**

Itaituba – Pará

2020

FRANCELI SOARES OLIVEIRA

**A PERFEITA/IMPERFEIÇÃO DA MULHER COMO UM SER
SEXUADO, SENSUAL E LIVRE: um olhar para o erotismo e tabus
sexuais expressos em obras de Nelson Rodrigues**

Trabalho de conclusão de Curso (TCC)
apresentado à faculdade de Itaituba para obtenção
do título em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Mara Ap.^a Pereira do Nascimento.

Itaituba – Pará

2020.

FRANCELI SOARES OLIVEIRA

**A PERFEITA/IMPERFEIÇÃO DA MULHER COMO UM SER
SEXUADO, SENSUAL E LIVRE: um olhar para o erotismo e tabus
sexuais expressos em obras de Nelson Rodrigues**

Trabalho de conclusão de Curso (TCC)
apresentado à faculdade de Itaituba para obtenção
do título em Licenciatura Plena em Letras.

Orientadora: Prof.^a Mara Aparecida Pereira do
Nascimento.

BANCA EXAMINADORA:

Presidente/orientadora: _____ Nota: _____

Prof.^a Mara Aparecida pereira do Nascimento.

Avaliadora 1: _____ Nota: _____

Prof.^a Margaret Ferreira de Aguiar.

Avaliadora 2: _____ Nota: _____

Prof.^a Walbea Lúcia Lobato Martins.

Resultado: _____ Média: _____

Itaituba – PA, 28 de março de 2020.

*Dedico este trabalho aos meus
filhos Felipe e Gabriel.*

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar agradeço a Deus por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia e socorro presente na hora da angustia.

Aos meus pais, Francisco e Maria Celeste.

A Faculdade de Itaituba – FAI e a todas as professoras e contribuíram com seu conhecimento no decorrer deste curso de Licenciatura Plena em Letras, em especial, a minha orientadora, professora Mara.

A todos os colegas de turma.

Folhetim

Se acaso me quiseses
Sou dessas mulheres
Que só dizem sim.
Por uma coisa à toa
Uma noitada boa
Um cinema, um botequim.
E, se tiveres renda
Aceito uma prenda
Qualquer coisa assim.
Como uma pedra falsa
Um sonho de valsa
Ou um corte de cetim.
E eu te farei as vontades
Direi meias verdades
Sempre à meia luz
E te farei, vaidoso,
Supor que és o maior
e que me possuis.
Mas na manhã seguinte
Não conta até vinte
Te afasta de mim.
Pois já não vales nada
És página virada
Descartada do meu folhetim.

Chico Buarque.

RESUMO

Este trabalho de conclusão de curso objetivou abordar questões que apontam para o entendimento da mulher enquanto ser sexuado e sensual, mostrar tabus sexuais enfrentados, analisar obras de Nelson Rodrigues que tratam do tema e trazer a pauta acadêmica a dramaturgia. A metodologia encontra- apoio teórico consultando autores tais como: Paz (1994), Foucault (1984), Coutinho (2001), entre outros. A pesquisa é de natureza básica, quanto ao objetivo é exploratória e de abordagem qualitativa. O objeto de análise trata-se das obras "A engraçadinha" e "A dama da lotação", ambas de autoria do dramaturgo Nelson Rodrigues. Verificou-se que tabus relacionados à sexualidade sempre existiram e muitos perduram em pleno século XXI, tendo a mulher como alvo mais comum, sempre considerada a virgem imaculada, pura e casta ou a devassa pecaminosa, temática levantada com maestria nas obras de Nelson Rodrigues. A liberdade sexual da mulher ainda representa grande tabu por conta de conceitos arraigados, cujo as raízes são amarras à felicidade e vida plena das mulheres. Ignora-se que a mulher é um ser sexuado e sensual com necessidades e desejo sexuais, particulares a cada uma delas. Concluiu-se que a mulher pode vestir-se como bem lhe agradar, não significando disponibilidade para ser estuprada, pode casar de vestido branco, vermelho ou cinza, conforme seu gosto, mas também pode optar por não se casar. Ela pode conhecer seu primeiro namorado, com ele se casar e ser feliz para sempre, ou pode namorar muitos e muitos, até encontrar sua alma gêmea, mas também pode considerar ser ela mesma a sua própria alma gêmea, livre e solta. A mulher pode preferir relacionar-se com pessoa do mesmo sexo ou com vários parceiros. Ela pode vender seu corpo, já que este lhe pertence. Pode viver de aventuras, visto que nesta vida quem muitos beijos, pode até morrer de saudade, mas de amor viveu.

Palavras-chave: Sexualidade. Tabus. Mulher. Dramaturgia. Nelson Rodrigues.

ABSTRACT

This course conclusion work aimed to address issues that point to the understanding of women while being sexual and sensual, to show sexual taboos faced, to analyze works by Nelson Rodrigues that deal with the theme and to bring the academic agenda to dramaturgy. The methodology finds theoretical support by consulting authors such as: Paz (1994), Foucault (1984), Coutinho (2001), among others. The research is basic in nature, as for the objective it is exploratory and with a qualitative approach. The object of analysis is the works "A Funnyadinha" and "A dama da lotação", both written by playwright Nelson Rodrigues. It was found that taboos related to sexuality have always existed and many endure in the middle of the 21st century, with women as the most common target, always considered the immaculate, pure and chaste virgin or the sinful debauchery, a theme raised with mastery in the works of Nelson Rodrigues. Women's sexual freedom is still a big taboo due to ingrained concepts, whose roots are tied to women's happiness and full life. It is ignored that the woman is a sexualized and sensual being with sexual needs and desires, particular to each one of them. It was concluded that the woman can dress as she pleases, not meaning availability to be raped, she can marry in a white, red or gray dress, according to her taste, but she can also choose not to marry. She can meet her first boyfriend, marry him and be happy forever, or she can date many, many, until she finds her soul mate, but she can also consider herself to be her own soul mate, free and loose. The woman may prefer to relate to a person of the same sex or to several partners. She can sell her body, since it belongs to her. He can live on adventures, since in this life who kisses a lot, he may even die of longing, but he lived from love.

Keywords: Sexuality. Taboos. Woman. Dramaturgy. Nelson Rodrigues.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Ilustração 1: Nelson Rodrigues.....	31
Ilustração 2: A engraçadinha.	38
Ilustração 3: A dama do lotação.	43

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	10
2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1 A SEXUALIDADE HUMANA.....	11
2.2 TABU: ASPECTOS CONCEITUAIS E A SEXUALIDADE	13
2.3 LITERATURA, EROTISMO E TABUS	15
2.4 EROTISMO E TABUS SEXUAIS EXPRESSOS NA LITERATURA	17
2.4.1 O incesto expresso na obra "Os Maias"	17
2.4.2 O adultério expresso no romance "O Primo Basílio"	19
2.4.3 O orgasmo feminino expresso na poesia "12 gozos"	21
3 METODOLOGIA	30
4 RESULTADOS E DISCUSSÕES	31
4.1 VIDA E OBRA DO ESCRITOR NELSON RODRIGUES	31
4.2 A ENGRAÇADINHA	38
4.3 A DAMA DO LOTAÇÃO	43
5 CONCLUSÃO	48
REFERÊNCIAS	50

1 INTRODUÇÃO

Este trabalho de conclusão de curso objetiva abordar questões que apontam para o entendimento da mulher enquanto ser sexuado e sensual, mostrar tabus sexuais enfrentados, analisar obras de Nelson Rodrigues que tratam do tema e trazer a pauta acadêmica a dramaturgia.

A problematização deste estudo emerge de algumas premissas: a sexualidade humana é a essência da vida, no que se refere à reprodução e às necessidades biológicas, sendo simplesmente uma prática cotidiana. No entanto enfrenta tabus discriminatórios ao longo da história, mesmo ainda na atualidade, tendo a mulher como principal foco deste tabu. Outro tabu pungente reside quanto à escrita erótica, que pelo fato de abordar o assunto sexualidade, assunto ainda velado, é descriminada e até desvalorizada enquanto arte.

A justificativa desta pesquisa também parte de algumas premissas: a escolha do autor a ser estudado na pesquisa apontou para Nelson Rodrigues por retratar “a vida como ela é”, trazendo dinâmica e problemas cotidianos que envolvem a sexualidade, com seus tabus inerentes, sem máscaras e com a naturalidade pertinente, em especial, no que tange às mulheres. A segunda premissa justificadora reside na relevância de se trazer a pauta acadêmica uma das vertentes da Literatura não explorada: a Dramaturgia, qual diz respeito a arte de composição de escrita literária especificamente para a representação no teatro, cinema ou televisão, sendo o profissional dedicado a estas produções denominado dramaturgo.

O trabalho de conclusão de curso apresentado estrutura-se em sessões, apresentando nesta introdução, principalmente, os objetivos, a problematização motivadora e a relevância da pesquisa para a área de formação. A fundamentação teórica aborda as concepções gerais de sexualidade humana e de tabus, concluindo com os tabus existentes quanto à escrita erótica, inclusive com exemplo em obras literárias. Na sequência, apresenta-se detalhamento da metodologia utilizada para a elaboração e concretização deste trabalho de conclusão de curso (TCC). A quarta sessão desta monografia, traz analisa duas obras de Nelson Rodrigues que apontam para tabus direcionados à sexualidade feminina e problemáticas inerentes. Finaliza-se com a conclusão do trabalho e com a apresentação das referências consultadas.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1 A SEXUALIDADE HUMANA

O sexo faz parte da biologia humana, englobando conjunto de características anatômicas e funcionais genitais e extragenitais. Conforme Freud (*apud* CLARET, 1996, p. 28) o impulso sexual é uma necessidade biológica que representa o instinto e está condicionado por modificações químicas no interior do organismo “é sem dúvida a fonte mais poderosa de persistente aumento de excitação”.

Conforme Muller (2013) diz respeito ao contato físico ou virtual, compreendendo uma prática do mundo adulto, mas que em geral começa a ser experimentada na adolescência. A sexualidade, no ser humano, possui um longo desenvolvimento e tem seu início desde o nascimento, sendo na adolescência que se evidenciam os comportamentos sócio-afetivos e sexuais. É a expressão da própria vida e consciência da morte a necessária perpetuação da espécie, dada a mortalidade individual.

A sexualidade revela o homem como desejo do outro, criando a alegria de viver. O ser humano é um ser sexuado como um todo, tanto corpórea como psiquicamente. Será constituída a partir das possibilidades individuais e de sua interação com o seu parceiro incluindo todas as formas como as pessoas expressam sua busca pelo prazer. O comportamento sexual humano é governado, desde a imagem da própria sexualidade até o comportamento sexual, pela mente. Nesse sentido, a sexualidade humana é um fenômeno psíquico.

O amor humano abarca também o corpo e o corpo exprime também o amor espiritual. A sexualidade, portanto, não é qualquer coisa de puramente biológico, mas refere-se antes ao núcleo íntimo da pessoa. O uso da sexualidade como doação física tem a sua verdade e atinge o seu pleno significado quando é expressão da doação pessoal do homem e da mulher até à morte.

Podemos vivenciar nossa sexualidade de forma extremamente benéfica e positiva para um desenvolvimento sadio, desde que feito com muito amor. Reprimir é anular a si próprio. Respeitar, aprender a sentir e escutar as mensagens que seu corpo transmite proporcionará uma elevação da auto-estima. **É preciso saber se amar para aprender a amar o outro.** Amar o outro é doar-se (HELLMANN, 2013, p. 42).

O ser humano é chamado ao amor como espírito encarnado, isto é, alma e corpo na unidade da pessoa. O amor se alimenta e se exprime no encontro do homem e da mulher, é dom de Deus, é força positiva, maturação da pessoa e realização da felicidade de homens e mulheres, ressaltando-se que a Luxúria estimula as energias e desencadeia as forças. Portanto, a sexualidade se situa na esfera do amor que é sempre uma esfera sexuada.

Sexo é comunicação, é linguagem, é diálogo, é o reconhecimento do outro. É sinal que diz verdade ou mentira, amor ou apropriação do corpo, dominação e apropriação do outro ou doação mútua. A sexualidade influencia pensamentos, sentimentos, comportamentos e interações. Depende da pessoa, das suas características genéticas, das da educação familiar, das interações ambientais, das condições socioculturais, etc.

A sexualidade é um conceito amplo e tem a ver com a maneira única de ser de cada pessoa. Muller (2013, p. 10) define a sexualidade pontualmente como além do ato sexual em si. Representa o jeito de ser homem e mulher e se relacionar com o mundo ao seu redor no mundo, que é o cenário do ambiente social, cultural, político, econômico, tecnológico e histórico onde cada um se insere.

Mais precisamente, a sexualidade aponta para o modo como cada pessoa se relaciona consigo, com seu corpo e com seu mundo interno, composto de seus valores, crenças, seu histórico, emoções, sentimentos, pensamentos, sensações e intuições. Portanto, trata-se de uma forma de expressão social e de uma dimensão existencial, na medida em que, pela sexualidade, se abre a porta de comunicação interpessoal.

A sexualidade é uma das maneiras através da qual o ser humano se expressa, como ser racional consciente, livre e corpóreo. Mas, ela revela, sobretudo a afetividade humana, mundo onde o ser se realiza ou se frustra enquanto tal.

A sexualidade é uma força para a construção do "eu". Possibilita a relação interpessoal que culmina na construção de um projeto de vida: celibato, matrimônio, virgindade ou viuvez. De qualquer forma, segundo ainda Coutinho (2001), a base de todo o desejo sexual é a relação amorosa, não necessariamente a relação pornográfica. Sexo diz respeito ao biológico englobando conjunto de características anatômicas e funcionais genitais e extragenitais.

A base de todo o desejo sexual é a relação amorosa (o elogio de eros) e não necessariamente a relação pornográfica (do grego porné, "cortesã, prostituta", logo o elogio da prostituição), optamos por consagrar a entrada deste verbete a partir da designação mais universal de literatura erótica, ficando implícita a inclusão da literatura que se considere pornográfica, mas também obscena, indecente, libidinosa, licenciosa, ultrajante, etc., adjetivos com os quais tem convivido sinonimamente (COUTINHO, 2001, p. 45).

Na abordagem de Foucault (1984), a sexualidade emerge da repressão sexual, existente nos países ocidentais como forma de administração das relações sexuais, administração necessária para o desenvolvimento e enriquecimento do Estado. Portanto, sexualidade é entendida de forma mais ampla como expressão cultural de cada sociedade, em determinada época, desenvolvendo regras que se constituem em parâmetros fundamentais para o comportamento sexual das pessoas. Essas regras são ou podem ser, de maneira mais geral, mediadas pela ciência, pela religião e pelo imaginário coletivo.

Conforme Carvalho (2008), o erotismo é o sexo suspenso da função reprodutiva, sua finalidade primordial. A referida prática desperta desejo, excitação, prazer e orgasmo a partir de estimulação erótica desencadeada por meio dos cinco sentidos, além da imaginação. Seu domínio sempre foi considerado obscuro e proibido e suas manifestações configuram-se como tabu ao longo da história.

2.2 TABU: ASPECTOS CONCEITUAIS E A SEXUALIDADE

O conceito tabu é bastante utilizado na Filosofia, na Antropologia e na Sociologia. A palavra tabu vem da língua de uma tribo polinésia com tapu, significando algo sagrado, especial, mas também proibido e perigoso. Nesta tribo o termo surgiu em relação à proibição que impedia a utilização de símbolos sagrados de maneira profana pelos membros daquela comunidade. Portanto, o tabu leva à proibição da prática de qualquer atividade social, seja moral, religiosa ou culturalmente reprovável bem como, leva a se evitar algo ou alguém por temor ou desconhecimento.

De maneira geral, tabu relaciona-se à censura, sustenta discussões de temas polêmicos e discriminados pela sociedade, podendo ser sobre costumes, religiões, opções sexuais, estilo de vida, entre outros, sendo influenciado e recebendo mudanças conforme a época histórica e suas gerações, sendo encarado de forma diferente também conforme as sociedades, e grupos sociais distintos dentro de uma sociedade, conforme os padrões morais e convenções impostas. Portanto, a

expressão “quebrar tabu” refere-se à quando se quebra uma regra, porém, quebrar um tabu pode acarretar para muitos, em castigo divino, em sentimento de culpa, de constrangimento e de vergonha.

Segundo Dione (2019, p. 32), o medo é uma das principais emoções, mais sólidas e mais fortes que o ser humano experimenta: medo da dor, do sofrimento, da solidão, da morte, portanto, é uma ferramenta muito importante de controle social. A outra ferramenta é a culpa, pois o indivíduo estabelece o caminho considerado correto, e tudo aquilo que desviar desse caminho é errado e digno de culpa.

Cita-se alguns exemplos de tabus mais destacados: incesto, virgindade, aborto, drogas, a sexualidade feminina, a homossexualidade, bissexualidade, transexualidade, tatuagens e piercings, modificações corporais, prostituição, masturbação, tabus alimentares, com também, relacionados à linguagem como termos malditos ou considerados pecado, além das palavras de baixo calão (os palavrões), além do tabu relacionado à sexualidade.

Conforme Dione (2019), as sociedades criaram regras e normas para estabelecer o que pode ser um comportamento sexual aceito, estabelecendo parâmetros conforme objetivos que podem ser de ordem moral, financeira e da estrutura das classes sociais. A autora exemplifica comentando que o casamento já foi negócio selado entre famílias, envolvendo o patrimônio.

A autora supracitada oferece uma lista de mitos e tabus relacionados à sexualidade, embora que com variações e diferenciações nas diferentes sociedades e épocas:

- **Sexo é sempre à dois:** reflete-se sobre a masturbação, sobre a questão que sexo com mais de um parceiro seria algo condenável, entre outros.
- **Só existe sexo se houver penetração:** ignorando-se outras práticas sexuais existentes, tais como: masturbação, sexo oral, os toques íntimos e outros estímulos.
- **Se houve sexo, houve orgasmo:** nem sempre uma relação sexual termina no orgasmo para ambos. Um tabu que também é bastante vinculado à masculinidade, pois o orgasmo ocorre apenas no momento da ejaculação masculina.
- **Sexualidade e Afetividade:** a sexualidade estaria atrelada a uma relação afetiva, vinculação que pode causar frustrações para o indivíduo que guarda a

expectativa sempre de uma relação afetiva satisfatória, sacrificando o exercício de sua sexualidade, ou sacrificando uma vida sexual prazerosa para preservar uma relação afetiva estabelecida.

- **Sexualidade e fatores biológicos:** acredita-se que alguns fatores biológicos atrapalham sexualidade ativa e plena, tais como idosos, deficientes físicos, condições de saúde adversas, mas é possível desenvolver uma sexualidade compatível com cada condição para vivenciar a experiência sexual.

De qualquer forma, a sexualidade é um tabu mesmo nos dias atuais. Segundo Bugalho (2009) não existe erotismo sem tabu, sendo o próprio apelo do erotismo reside na proibição, no constrangimento em torno da sexualidade. Segundo Taylor (1997), o sexo é regido por códigos morais que variam de sociedade para sociedade bem como de tempos em tempos.

2.3 LITERATURA, EROTISMO E TABUS

O assunto Literatura Erótica aponta diretamente para sexo e sexualidade e quando se enfoca algo que está diretamente ligado à sexualidade humana a tendência é se esbarrar em preconceitos culturais, morais e religiosos, direcionando a problemática para tabus. Segundo Bugalho (2009) não existe erotismo sem tabu, sendo o próprio apelo do erotismo reside na proibição, no constrangimento em torno da sexualidade.

Há dificuldade em se definir ou distinguir Literatura pornográfica de Literatura erótica. De maneira geral, erotismo é menos censurável e a pornografia é mais censurável, dependendo da formação cultural e moral de cada indivíduo (COUTINHO, 2001).

Há, na atualidade, várias pesquisas, principalmente das ciências humanas sobre o assunto, englobando estudo histórico e etimológico/lexical dos termos. De maneira geral, a definição e diferenciação de erotismo e pornografia dependem de três fatores: o fator histórico; o fator social e o fator subjetivo.

O fator histórico – Assim como em outros gêneros, tais quais o terror e o humor, o erótico depende muito do contexto histórico no qual está inserido. Acredita-se que o fator histórico seja o preponderante na hora de traçarmos este horizonte, conforme esclarece Bugalho (2009) a seguir:

Em épocas de maior licenciosidade, como na Roma antiga ou durante os movimentos de liberação sexual da década de 70, erotismo e pornografia tenderam a se aproximar, ressaltando-se que a disseminação do Cristianismo, a partir do século I d.C., reforçou um conjunto de condenações morais em torno da sexualidade (BUGALHO, 2009, p. 53).

O fator social – também está intimamente vinculado ao assunto, pois tanto as classes superiores quanto as mais baixas tendem a ser mais libertinas, seja porque acreditam estar acima das normas seguidas pelos demais, seja pelo desconhecimento ou repúdio a elas.

Os intelectuais iluministas atacaram ferozmente, por exemplo, a hipocrisia do clero europeu, que apregoava normas morais, mas que na prática as violavam, ou a aristocracia corrompida e devassa. Deste modo, a compreensão do que é “pornográfico” ou “erótico” também depende do nível social, da formação religiosa (há religiões mais tolerantes ao sexo do que outras), do país de origem e da formação educacional (BUGALHO, 2009).

O fator subjetivo – provém diretamente dos dois primeiros fatores, é aquele pertinente ao íntimo de cada indivíduo, que julga, de acordo com sua própria experiência e vivência, os limites da moralidade.

Os conceitos de erotismo, pornografia e obsceno acompanham a produção de certo gênero de textos literários desde sempre. Cabe destacar que muitas vezes prevalecem ideias pré-concebidas a respeito desses conceitos, pois a delimitação das práticas que definem um ou outro normalmente provoca mal entendidos e cria novos preconceitos. No entanto, as delimitações não são cruciais para o entendimento de uma produção literária que se perpetua ao longo da história da literatura e congrega leitores de diferentes tipos, nem sempre interessados em desvendar os limites entre o erótico, o pornográfico e o obsceno (CARVALHO, 2008).

A escrita de autores como Marquês de Sade, com obras com 120 dias de Gomorra, entre outras, foi considerada pornográfica na sua época, sofrendo sanções, aprisionamento ou censura, mas em outras épocas mais modernas tais obras são consideradas literatura erótica, mas ainda considerada pornográfica por alguns leitores. Portanto, não se tem garantia alguma de que aquilo considerado pornográfico hoje será classificado, no futuro, como erótico.

2.4 EROTISMO E TABUS SEXUAIS EXPRESSOS NA LITERATURA

Informa Coutinho (2001) encontram-se exemplos de literatura do mundo todo com teor erótico, apresentando à sexualidade humana, o amor sensual, o sexo pornográfico, a escrita erótica, bem como os tabus inerentes. Neste tópico apresenta-se três exemplos de tabus ligados à sexualidade: o incesto e o adultério, em obras do autor português Eça de Queiroz e, o tabu sobre o orgasmo feminino na poesia “12 gozos”, de Maria Thereza Horta.

2.4.1 O incesto expresso na obra “Os Maias”

Eça Queirós elaborou, através de seus romances proibidos um painel da sociedade portuguesa criticando o comportamento feminino, ambições masculinas, corrupção da Igreja, e outros aspectos da sociedade do século XIX.

Incesto diz respeito a relação sexual entre parentes próximos, entre pais e filhos, como no romance em questão, entre irmãos. Há restrição em quase todas as culturas humanas, punido como crime em algumas. Na maioria das religiões é considerado pecado, como também, legalmente proibido, na maior parte dos países (COUTINHO, 2001).

Segundo Cereja e Magalhães (2010) Eça de Queiroz publicou “Os Maias”, tomando como tema o incesto, na época, obra foi muito criticada por sua ousadia, sendo que sua publicação causou escândalo.

Lima (2008, p. 8) assinala no romance “duas cenas soberbas, cheias de veemência e grande fôlego: a entrevista de Castro Gomes com Carlos da Maia, na qual lhe diz que Maria Eduarda não é sua esposa, mas sim sua amante, e a cena de amor de Carlos com Maria Eduarda.”

O romance é de origem popular e foi impulsionado o no século XIX em pelo gosto do público burguês feminino, que apreciava narrativas sentimentais, individuais. O narrador caracteriza-se pela objetividade e senso de detalhe.

A ação inicia-se no Outono de 1875, altura em que Afonso da Maia, nobre e rico proprietário, se instala no Ramalhete. O seu único filho – Pedro da Maia – de caráter fraco, resultante de um educação extremamente religiosa e protecionista à portuguesa, casa-se, contra a vontade do pai, com a filha de um antigo negreiro, Maria Conforte, de quem tem dois filhos – um menino e uma menina. Mas a esposa após

conhecer Tancredo, um príncipe italiano que Pedro alvejara acidentalmente enquanto caçava, acabaria por o abandonar para fugir com o Napolitano, levando consigo a filha, de quem nunca mais se soube o paradeiro. O filho – Carlos da Maia – viria a ser entregue aos cuidados do avô, após o suicídio de Pedro da Maia, devido ao desgosto da fuga da mulher que tanto amava.

Carlos passa a infância com o avô, recebendo uma educação rígida. Principalmente direcionada à educação e só depois à religião. Forma-se depois, em Medicina, em Coimbra. Carlos regressa a Lisboa, ao Ramalhete, após a formatura, onde se vai rodear de alguns amigos, como o João da Erga, Alencar, Damaso Salcede, Palma de Cavalão, Euzébio Zinho, o maestro Cruges, entre outros. Seguindo os hábitos dos que o rodeavam, Carlos envolve-se com a Condessa de Gouvarinho, que depois irá abandonar.

Um dia fica deslumbrado ao conhecer Maria Eduarda, que julgava ser mulher do brasileiro Castro Gomes. Carlos segue-a algum tempo sem êxito, mas acaba por conseguir uma aproximação quando é chamado por ela, para visitar, como médico, a sua governanta que adoecera. Começam então os seus encontros com Maria Eduarda, visto que Castro Gomes estava ausente. Carlos chega mesmo a comprar uma casa onde instala a amante.

Castro Gomes descobre o sucedido e procura Carlos, dizendo que Maria Eduarda não era sua mulher, mas sim sua amante e que, portanto, podia ficar com ela. Entretanto, chega de Paris um emigrante, que diz ter conhecido a mãe de Maria Eduarda e que a procura para lhe entregar um cofre desta que, segundo ela lhe dissera, continha documentos que identificariam e garantiriam para a filha uma boa herança. Essa mulher era Maria Conforte – a mãe de Maria Eduarda era, portanto, também a mãe de Carlos. Os amantes eram irmãos.

Contudo, Carlos não aceita este fato e mantém abertamente, a relação – incestuosa – com a irmã, sem que esta saiba que são irmãos. Afonso da Maia, o avô, ao descobrir que Carlos, mesmo sabendo que Maria Eduarda é sua irmã, continua com a relação, morre de desgosto.

Ao tomar conhecimento, Maria Eduarda, agora rica, parte para o estrangeiro; e Carlos, para se distrair, vai correr o mundo. O romance termina com o regresso de Carlos a Lisboa, passados 10 anos, e o seu reencontro com Portugal e com Erga, que lhe diz: - "Falhamos a vida, menino!".

Segundo Lima (2005), a procriação entre parentes próximos tende a aumentar o número de homozigotos que determinada população, reduzindo, portanto, a variabilidade genética. Essa é talvez uma das explicações do tabu do incesto: o incentivo à mistura genética. Mais importante, no entanto, segundo Lima, talvez seja o incentivo à exogamia pela razão de que ela amplia as relações positivas e sobretudo comerciais entre grupos sociais distintos. Do contrário, não haveria a sociedade como a conhecemos, pois as famílias se fechariam, tornando-se um povo, uma etnia, à parte.

2.4.2 O adultério expresso no romance “O Primo Basílio”

Conforme Faria (2013) no direito romano, anterior a Júlio César, o adultério era considerado crime contra a família e contra os bons costumes, havendo punição. Na época de Constantino, o crime de adultério passou a ser punido com a pena de morte pela legislação do imperador. Na Idade Média os praxistas formularam gradação para o crime de adultério segundo a gravidade: como nu com nua na cama, como modalidade mais grave e o ele só com ela como modalidade menos grave.

Em Portugal, no de 1982, por exemplo, se o cônjuge que encontrasse o outro a praticar adultério estaria impedido de acusar caso tenha contribuído voluntariamente para a ato ou o ter incitado a tal, e matasse os dois ou um dos dois este ou o adúltero, ou ambos, ou agredisse fisicamente com gravidade, estaria sujeito apenas a uma pena por seis meses. Em 1973, o crime do adultério foi revogado neste país.

Até alguns anos antes, o poder de matar era apenas concedido ao marido e aos pais. O adultério, como “ato de se relacionar com terceiro pessoa na constância do casamento, e considerado uma grave violação dos deveres conjugais por quase todas as civilizações de quase toda a história, sendo que algumas sociedades puniam gravemente o cônjuge adúltero e/ou a pessoa com quem praticava o ato, sendo ambos passíveis de morte. O filho fruto adultério, ao longo da história, tinha restrições de direitos, como herança ou o uso do sobrenome paterno, mas, na sociedade moderna as legislações acabaram com este preconceito.

O romance “O Primo Basílio”, de Eça de Queirós, critica a família burguesa de Lisboa. Segundo Faria (2013), o escritor tem a intenção, nessa fase, de corrigir os vícios da burguesia portuguesa, utilizando-se da crítica de costumes e da sátira.

Luísa, a protagonista, casou-se com o engenheiro Jorge, apesar de não amá-lo. Tendo que viajar para o Alentejo, Jorge deixa a esposa em Lisboa, sozinha, entregue a uma vida de tédio, pois Luísa não tem nenhuma ocupação. Um dia, recebe a visita de seu primo Basílio, antigo namorado, recém-chegado do Brasil. Tornam-se amantes em pouco tempo, encontrando-se frequentemente em um quarto alugado especialmente para esse fim amoroso. Logo a criada Juliana descobre o relacionamento e intercepta a correspondência da patroa, escondendo as cartas comprometedoras de Luísa a Basílio.

A criada passa a fazer chantagem com a patroa, e Luísa, desesperada, propõe a Basílio que fujam. Este não aceita a proposta da amante e parte sozinho para Paris. À mercê da empregada, Luísa torna-se pouco a pouco uma verdadeira presa nas mãos de Juliana: é obrigada a fazer o serviço doméstico em lugar da criada e sua situação fica insustentável. Jorge retorna do Alentejo e estranha bastante a situação da esposa.

Luísa, desesperada, procura o amigo Sebastião e pede-lhe ajuda. Sebastião pressiona Juliana e recupera as cartas comprometedoras. A criada morre. Luísa fica doente em seguida. Um dia recebe uma carta de Basílio, que Jorge lê e toma conhecimento das relações entre a esposa e o primo. Quase convalescente, a moça tem uma recaída, delirando e entrando em estado irrecuperável. Termina por falecer acometida de forte depressão por conta do remorso e da desilusão amorosa.

Historicamente a prática de adultério era criminalmente mais grave quando praticado pela mulher em relação ao homem. Hoje em dia, embora tal discriminação não exista nas leis dos países ocidentais, ou tenha perdido sua eficácia sociológica, na prática do dia a dia a conduta continua a ser vista de forma diferenciada, dependendo do gênero que realiza a traição.

Na atualidade o adultério ainda é punido, inclusive, com a morte, em países muçulmanos, enquanto que no ocidente, constitui em causa para divórcio ou rescisão do casamento. No Brasil, o adultério já foi considerado crime no código penal, mas isso foi revogado em 2005. De maneira geral, no contemporâneo, práticas de swing (troca de casais), bem como, relacionamento aberto no casamento tem sido socialmente aceitas, cada vez mais.

2.4.3 O orgasmo feminino expresso na poesia "12 gozos"

Para apresentar um pouco da poesia de Maria Tereza Horta é interessante mencionar a Literatura Libertadora que é um processo que aspira à liberdade, como uma recusa aos constrangimentos. A liberdade feminina dentro da escrita será possível quando, segundo Cixous (2007), a mulher conseguir se libertar do poder que está inserido na linguagem.

Corroboram com a ideia Barthes (1994) e Irigaray (1985), afirmando que a liberdade sexual feminina acontece de fato quando ela puder contar aquilo que vem de seu próprio corpo, a partir de si mesmo numa relação de presença ou de afirmação, pois tendo um corpo liberto, a mulher consegue manifestar uma linguagem revolucionária que é materializada na escrita feminina.

A poesia que segue mostram o erotismo que hoje poderia ser muito bem apreciadas, mas que na época de sua criação por Maria Tereza Horta representou grande escândalo na época do Modernismo Português, como uma afronta a moral e bons costumes, quebrando o grande tabu do desejo e orgasmo feminino.

Gozo I

*Linho dos ombros
ao tacto
já tecido
Túnica branda
cingida sobre as
espáduas
Os rins despídos
no fato já subido:
as tuas mãos abrindo a madrugada
Linho dos seios
na roca dos sentidos
a seda lenta sedenta na garganta
a lã da boca
cardada
no gemido
e nos joelhos a sede
que os abranda
Linho das ancas
bordado
de torpor
a boca espessa
o fuso da garganta.*

Na estrofe fica evidenciado um corpo feminino liberto, um corpo que goza, na fruição deste ser mulher, da qual o corpo é o espaço do sentir que expressa um prazer liberto de todas as amarras, isso descrito conforme uma escrita erótica.

Gozo II

*Desvia o mar a roda
do calor
e cede a areia ao peso
desta rocha
Que ao corpo grosso
do sol
do meu corpo
abro-lhe
baixo a fenda de uma porta
E logo o ventre se curva
e adormece
E logo as mãos se fecham
e encaminham
E logo a boca rasga
entontece
Nos meus flancos
a faca e a frescura
daquilo que se abre e desfalece
enquanto tece o espasmo o seu disfarce
E uso do gozo
a sua melhor parte.*

Na estrofe, observa-se o corpo feminino como norteador do processo de prazer e a libertação e a voz lírica enaltece o corpo e o prazer no pleno apelo sensorial. De acordo com Paz (1988, p. 131), “[...] todo corpo é uma linguagem que, no instante de sua plenitude, se desvanece; toda linguagem, ao alcançar o estado de incandescência, se revela como corpo ininteligível”. Sendo assim, o corpo feminino excitado é evocado pelo eu-lírico no poema pela linguagem.

Gozo III

*Põe meu amor
teu preceito
Teu pénis
meu pão tão cedo
de vestir e de enfeitar
espasmos tomados por dentro
E guarnecer o deitar*

*daquilo que vou
gemendo
Por me habitares
com seu jeito de teu
invento
Ou com raiva
de gritares
quanto te monto e me fendo.*

O eu lírico, nesta estrofe descreve o prazer que o outro corpo reparte é, ao mesmo tempo, reafirmar as sensações dos corpos, as quais se fundem e misturam – regime da união que o erótico e imagens líricas.

Nota-se no poema, um apelo à audição no uso de termos como “gemido”, os quais estabelecem uma comunicação de gozo entre os amantes. Do mesmo modo, reforçando o âmbito sensorial dos corpos, entreveem-se o tato e o paladar como vetores dos corpos habitantes do poema.

Gozo IV
*Que tenhas de mim
o contorno incesto
acertado nas linhas do
teu corpo
Os dentes nos lóbulos e no pescoço
os lábios
a língua a combrirem os ombros.*

Por intermédio dos sentidos os corpos se interpenetram, Assim, todo esse prazer é expresso por corpos em sua plenitude, libertos e para tocar e degustar o prazer mutuamente. O corpo é espaço para o prazer.

A linguagem poética torna-se erótica não apenas no plano do conteúdo, por meio de imagens sexuais, mas também no plano da expressão, conforme afirma Barthes (1987, p. 13): “[...] a palavra pode ser erótica sob duas condições opostas, ambas excessivas: se for repetida a todo transe, ou ao contrário se for inesperada, succulenta por sua novidade”.

Gozo V
*Vigilante a crueldade
no meu ventre
A fenda atenta
e voraz*

*que devora o que é
dormente
A febre que a boca
empresta
A vela que empurra o vento
a vara que fende
a carne
A crueldade que entende
o grito sobre o orgasmo
que me prende e me prende.*

A voz feminina sugere o erotismo como uma perspectiva também libertadora. O corpo apropria-se e carrega a dupla chama do amor e do erotismo (PAZ, 1993). Portanto, o erotismo entretece laços com a realização do fascínio do desejo pelo prazer, em um regime do gozo que se instaura como subversão dos limites e superação das descontinuidades.

Gozo VI
*São debronzado
os palácios do teu sangue
De cristal absorto
ensimesmado
São de esperma
os rubis que tens no corpo
A crescerem-te no ventre
ao acaso
São de vento- são de vidro
são de vinho
os líquidos silenciosos dos teus olhos
As rutilas esmeraldas que
sozinhas
ferem de verde aquilo que tu escolhes
São cintilantes grutas
que germinam
Na obscura eia dos teus lábios
O hálito das mãos
a língua-as veias
São de brandas catedrais
que desnorteiam
São de cupulas crisálidas
são de areia
São de cupulas crisálidas*

*São de areia
Na minha vulva
O gosto dos teus espermios.*

Nota-se que o poema fala de uma função ativa que o corpo da mulher assume nas posições corporais do erotismo, guiando o leitor pelo ato de fala do gozo do eu lírico, visto que, a libertação do corpo feminino vem agenciando uma libertação da linguagem.

Gozo VII
*São as tuas nádegas
na curva dos meus dedos
as tuas pernas
atentas e curvadas
O cravo – o crivo
sabor da madrugada
no manso odor do mar das tuas
espáduas
E se soergo com em minha nádegas as mãos
as tuas coxas
e acerto o corpo no calor
das vagas
logo me vergas
e és tu então
que tens os dedos
agora.*

A palavra poética dá voz a imagens sexuais, no plano da expressão. Conforme afirma Barthes (1987, p.13): "(...) a palavra pode ser erótica sob duas condições opostas, ambas excessivas: se for repetida a todo transe, ou ao contrário se for inesperada, succulenta por sua novidade".

Gozo VIII
*Em cada canal
a sua veia
o veio que entumece
no fundo da sua teia
Em cada vento
o seu peixe
no tempo que a água tenha
sedosa na sua sede
viciosa em sua esteira
Da seda
o tacto e o suco*

*dos lábios à sua beira
como se fosse um beiral
do corpo*

Há a marca rítmica no avanço do poema pelo ritmo das ancas dos amantes, o que preconiza um espaço de voz feminina silenciada. Assim, o erótico da linguagem consistiria aqui no libertário gozo de mulher, tudo expresso pela voz do corpo.

Gozo VIII (continuação)
*p'ra língua inteira
ou o lugar para guardar
o punhal
que se queira
Em cada punho
o seu ócio
um cinzel
de lisura
com a doçura do pranto
da prata e bronze
a secura
O travesseiro não apóia
as pernas já afastadas
mas ajusta as ancas dadas
Escalada
que se empreende na pele das tuas nádegas
Em cada corpo há o tempo
no gozo da sua adaga
Mas só no teu há o espasmo
com que o teu pênis
me alaga.*

O poema dialoga com esse corpo que se escreve eroticamente na trama do poético em ato libertário do erotismo e do gozo da mulher. As imagens do gozo se constroem nas frases no delírio da palavra. O corpo da mulher que goza é, simplesmente, uma unidade de imagens do gozo que se constroem nas frases dos versos.

Gozo IX
*Ondula mansamente a tua língua
de saliva tirando
toda a roupa...
á breves vêm os dia*

*dentro de noites já
poucas.
Que resta do nosso
gozo
se parares de me beijar
Oh, meu amor...
devagar...
até que eu fique louca!
Depois... não vejas o mar
afogado em minha
boca.*

Este corpo que fala, que usa uma linguagem de si e para si, promove o “delírio da palavra”, isto é, a trapaça da língua (BARTHES, 1994), na medida em que coloca a palavra ou a escritura em perturbação ou fora dos padrões simples da linguagem cotidiana, para fazer nascer “o prazer entreaberto”. Fazer a palavra delirar é carácter do poético, tal qual fazer o corpo delirar é carácter do erótico, abrindo espaço para liberdades posicionais das palavras e dos orifícios.

Gozo X
*São de alumínio
os francos
e de feltro a língua
De felpa ou seda
a abertura incerta
que cede breve a humildade
esguia
presa no quente do interior
da pedra
Ou musgo doce
de haste sempre dura
de onde pendem seus dois mansos frutos
que a boca aflora e os dentes prendem
tatear- lhes
o hálito e o suco.*

Trata-se de um jogo poético, a escrita feminina é, então, pura liberdade de sentir e de se expressar, talvez propósito geral do poema.

Gozo XI
*Conduzes na saliva
Um candelabro aceso*

*um chicote de gozo
 nas palavras
 E a seda do meu corpo
 já te cede
 neste odor de borco em que ne abres
 Sedenta e sequiosa
 vou sabendo
 a demorar o tempo que se espraia
 ao longo dos francos que vou tendo.
 As tuas pernas
 Vezes teu ventre
 A tua língua
 Vezes os teus dentes
 Na pressa veloz com que me rasgas.*

O espaço do corpo é, na escrita de Maria Teresa Horta, local da realização do prazer fora das convenções sociais que ditam normas. A transmissão poética do erotismo do feminino, através de uma percepção também feminina, vem-se impondo como uma manifestação da face contestadora da mulher". (SOARES, 1996, p. 103). Dessa forma, a libertação do corpo, reflete a definição de escrita feminina de Cixous (2007), para quem corpo e escrita se misturam e por isso conferem autenticidade à voz lírica feminina.

Gozo XII

*São tuas as pálpebras
 dos meus dias
 Tal como a laranja do lago
 estagnado
 é a lua do lago ao meio dia
 quando o sol dos ombros está
 rasgado
 São teus os cílios
 que as noites utilizam
 é tua a saliva dos meus
 braços
 É o teu cacto que no ventre
 incerto
 debruça levar os seus
 osgasmos
 Não tenho mais que te dizer
 das coisas
 que tudo o mais te faço eu*

*deitada
Enquanto sentes que o teu corpo
cresce
por dento do mundo
na minha mão fechada.*

Segundo Coutinho (2001), observa-se recentes tentativas da crítica feminista para distinguir entre uma arte menos opressora da figura da mulher enquanto objeto do desejo sexual (erotismo) e uma arte que repugna por reduzir a mulher a um mero objeto sexual, simbólico ou real (pornografia), encalham no facto de muitas representações literárias não separarem os papéis sexuais de forma tão clara, colocando até a figura masculina em funções pouco edificantes ou em posições de perda de poder.

Maria Teresa Horta se recusa a manter-se dentro do aprisionamento do corpo da mulher e dá voz e corpo ao gozo feminino através de sua poesia erótica, ferramenta potente: a linguagem quebrando tabus.

3 METODOLOGIA

Para Gil (2002) uma pesquisa é o “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas ao problemas que são propostos. Então, para desenvolver este monografia foi utilizada uma pesquisa bibliográfica, pois através dela encontrou-se apoio teórico consultados em autores tais como: Paz (1994), Foucault (1984), Coutinho (2001), entre outros.

Ressalta-se que, a pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referência teóricas já analisadas e publicadas por meios página de web sites, livros e artigos científicos.

A pesquisa apresentada é de natureza básica, quanto ao objetivo é exploratória e a abordagem é qualitativa, para analisar, compreender e interpretar o objeto de estudo. Ressalta-se que a pesquisa qualitativa preocupa-se com aspectos da realidade que não podem ser quantificados, centrando-se na compreensão e explicação da dinâmica das relações sociais.

Portanto, a pesquisa qualitativa trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos sociais.

O objeto de análise trata-se das obras “A engraçadinha” e “A dama da lotação”, ambas de autoria do dramaturgo Nelson Rodrigues.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 VIDA E OBRA DO ESCRITOR NELSON RODRIGUES

O escritor Nelson Falcão Rodrigues nasceu em Recife, no estado de Pernambuco, em 23 de agosto de 1912. Autodidata, também foi jornalista, romancista, teatrólogo, contista e cronista de costumes e de futebol brasileiro. Ele era o quinto filho do casal Maria Esther Falcão e do jornalista Mário Rodrigues, que teve outros 13 filhos. No Recife, nasceram, além de Nelson Rodrigues, Milton, Roberto, Mário Filho, Stella e Joffre. No Rio de Janeiro nasceram Maria Clara, Augustinho, Irene, Paulo, Helena, Dorinha, Elsinha e Dulcinha.



Ilustração 1: Nelson Rodrigues. Fonte: <http://redeglobo.globo.com/globoteatro/bis/noticia>, 2019.

O seu pai, Mário Rodrigues, era deputado e jornalista do “Jornal do Recife” e resolveu se mudar para o Rio de Janeiro por causa de problemas políticos. No Rio, ele trabalhou como redator parlamentar no jornal “Correio da Manhã”. Maria Esther e os filhos chegaram ao Rio de Janeiro em julho de 1916. A primeira casa da família

Rodrigues na capital foi alugada em agosto de 1916, e ficava na Aldeia Campista, bairro da Zona Norte. Castro (1992) retrata como era o ambiente em que Nelson morava:

As vizinhas eram mesmo gordas e patuscas. Tinham bustos opulentíssimos, braços espetaculares e colares de brotoejas. Passavam o dia nas janelas, fiscalizando os moradores da rua e suspirando exclamações como “Deus é grande!” e “Nada como um dia depois do outro!” Seus maridos eram magros, asmáticos, espectrais e à noite, postavam-se nas soleiras com seus pijamas de alamares e chinelos, esperando o garoto cujo pregão já se ouvia desde a Maxwell: “Eu sou um pobre jornalista/Que não tenho paradeiro/Vivo sempre a sofrer”. E puxava um fôlego extra para gritar: “Olha ‘A Noite!’”. Era também uma vizinhança de solteironas ressentidas, de adúlteras voluptuosas e, não se sabe por que, de muitas viúvas – machadianas, só que com gazes enroladas nas canelas, por causa das varizes (CASTRO, 1992, p. 21).

Ainda de acordo com Castro (1992, p. 22) “os banhos eram de bacia, os partos eram feitos em casa e os velórios eram a grande atração da rua – ia-se à casa do defunto não para vê-lo pela última vez, mas para se assistir ao desespero da mãe ou checar a sinceridade da viúva”. Pelo que conclui Castro (1992, p. 32): “onde você já viu esse cenário e esses personagens? Em Nelson Rodrigues, claro.” Pois esse cenário e personagens eram reais e compunham a paisagem da rua Alegre na época em que a família Rodrigues se mudou para lá.

Um dos fatos favoritos da vida do escritor aconteceu em 1920. A então professora Amália criou um concurso de redação na sala de aula, solicitando como lição a cada aluno um texto sobre um tema livre. A melhor composição seria lida em voz alta na sala. Ao final da aula, as redações foram entregues. O trabalho de Nelson surpreendeu a professora. Era uma história de adultério, na qual o marido chegava em casa, entrava no quarto, via a mulher nua na cama e o vulto de um homem pulando pela janela e sumindo na madrugada. O marido então matava a mulher com uma faca. Depois se ajoelhava para pedir perdão.

Entre muitos escritos produzidos por ele em sua infância e adolescência, este foi um que não chegou a 1992. A famosa redação não existe mais. Quem pode garantir, por exemplo, que o detalhe do marido se ajoelhando para pedir perdão não tenha sido acrescentado ‘de memória’ por Nelson anos depois? Não é impossível. Mas improvável (SOUZA, 2006, p. 65).

A história escrita por Nelson causou bastante espanto em grande parte dos professores, todavia a redação não tinha como não ser premiada, e também não poderia ser lida na classe. E para não ter que ler o texto, a professora inventou um empate e leu outro texto.

Os pais de Nelson discutiam muito e ele presenciou essas discussões, muitas delas, causadas por ciúmes exagerados que seu pai tinha de sua mãe. Influenciado por seus irmãos mais velhos, passou a ter a leitura como passatempo. Começou com a famosa revista infantil "Tico-tico". Em pouco tempo passou a uma literatura mais forte, como "Rocambole", de Ponson du Terrail, "Epopéia do Amor", "Os Amantes de Veneza" e "Os Amores de Nanico", de Michel Zevaco, "O Conde de Monte Cristo e Memórias de um Médico", de Alexandre Dumas, além dos fascículos de "Elzira, a Morta-Virgem", de Hugo de América.

Chalita (2003, p. 35) comenta que "variavam os autores, mas no fundo era uma coisa só: a morte punindo o sexo ou o sexo punindo a morte". A maioria dos textos foi lido pelo autor em folhetim. A respeito dos folhetins e da relação de Nelson Rodrigues com eles, ainda de acordo com Chalita (2003) quase todos os jornais tinham o seu. Eram tirados de romances clássicos.

Nelson, desde 1927, sem frequentar a escola, quando abandonou a terceira série do ginásio no Curso Normal de Preparatórios, o escritor criou um tabloide de quatro páginas intitulado "Alma Infantil", em que, como seu pai, atacou muitos políticos pernambucanos e cariocas. Depois de cinco números, desistiu do tabloide.

Em 1928, o escritor passa a assinar uma coluna na página 3 do jornal "Lado-a-lado" com seu pai, Monteiro Lobato e outros colaboradores. Seu primeiro artigo tinha o título "A tragédia de pedra", e foi publicado em 7 de fevereiro de 1928. Depois vieram "Gritos Bárbaros", "O elogio do silêncio", "A felicidade", e "Palavras ao mar", todos com grande sensibilidade poética. Seu lado maldito apareceu na crônica de 16 de março, "O rato", na qual ele conta sobre um rato morto, que viu achatado por um carro, em frente à Biblioteca Nacional. Depois de começar a "bater" em Ruy Barbosa, foi punido pelo pai, "rebaixado" novamente à seção de polícia.

Uma mulher chamada Sylvia Seraphim, em 27 de dezembro de 1929, vai até a redação de Crítica, jornal da família Rodrigues à época. Ofendida por uma matéria sobre seu divórcio publicada no dia anterior, procurava por Mário Rodrigues. Como não o encontrou, pediu para falar com seu filho Roberto. Nelson viu e ouviu o tiro que a mulher deu no estômago de seu irmão. Com dezessete anos, foi a primeira cena de violência brutal que presenciou. Dia 29 seu irmão faleceu. Com relação a esse fato Castro (1992, p. 94-97) comenta que "ninguém conseguirá penetrar no teatro de Nelson Rodrigues sem entender a tragédia provocada pela morte de Roberto. No mesmo dia do enterro, toda a família pôs luto (...)".

Nelson passou 14 meses no Sanatório, de abril de 1934 a junho de 1935, em Campos do Jordão, para tratar sua tuberculose. Em 1935, um interno propôs a encenação de um teatro. Nelson foi encarregado de escrever a peça, um "sketch" cômico sobre eles mesmos. Nas primeiras cenas a plateia começou a gargalhar e isso originou ataques de tosse que quase fizeram vítimas.

Nelson casou-se no civil com Elza Bretanha, em 29 de abril de 1940, secretária de "O Globo", onde trabalhava na época. Em 17 de maio, após a aceitação da família dela, casaram-se na Igreja Católica. Antes do casamento, Elza já conhecia o lado ciumento de Nelson Rodrigues. Quando ainda namoravam, em fins de 1938, de acordo com Chalita (2003):

Ela fora, como sempre, ao baile do Liceu de Artes e Ofícios e, também como sempre, dançara a valsa com um velho e inocente amigo, Amauri. Nelson a fizera prometer que não falaria mais com Amauri. Mas para todo lado que se virasse, via candidatos à mão de Elza ou imaginava que era ela a interessada neste ou naquele (CHALITA, 2003, p. 147).

No dia seguinte ao baile, Nelson escreveu um bilhete ríspido a Elza, ofendendo-a e rompendo o namoro. Porém, conforme Castro (1992):

Na primeira vez que se cruzaram sozinhos no elevador de "O Globo", depois desse bilhete, Nelson agarrou Elza e beijou-a com violência. Violência desnecessária, porque ela se deixaria beijar por ele com muito prazer. Mas era um beijo para humilhá-la – porque em seguida, Nelson desprende-se e virou-lhe as costas. Uma situação da futura "A vida como ela é...". Mas nem a raiva de Nelson nem aquele beijo roubado eram para valer, porque os dois fizeram as pazes em pouco tempo (CASTRO, 1992, p. 147).

Precisando de dinheiro, na metade do ano de 1941, Nelson escreveu sua primeira peça, intitulada "A mulher sem pecado". Após receber negativa de dois grandes artistas da época (Dulcina e Jaime Costa), o autor submeteu a peça a Carlos Drummond de Andrade e ao crítico literário mais importante do tempo, Álvaro Lins. Porém não conseguiu encená-la. No entanto, em dezembro de 1942 a peça foi encenada, pela "Comédia Brasileira", com direção de Rodolfo Mayer. A repercussão foi normal, exceto pela declaração de Manuel Bandeira, que teceu elogios.

Conforme Castro (1992, p. 155), "Manuel Bandeira não poupou elogios: 'Esse rapaz, o Nelson, tem um grande talento. A peça é formidável!'". Sua segunda peça teatral que tinha como título "Vestido de Noiva", veio em 1943. Após receber novos elogios de Manuel Bandeira, a peça entra em cartaz em dezembro de 1943, encenada

pelo grupo "Os Comediantes" e dirigida por um famoso diretor e ator recém-chegado ao Brasil, Zbigniew Ziembinski. A peça arrancou aplausos e foi um grande sucesso. Seguindo o pensamento de Castro (1992), essa peça praticamente inventou o moderno teatro brasileiro.

Sempre em busca de trabalhos que lhe dessem um ganho extra, soube da intenção de Freddy Chateaubriand em comprar um folhetim americano ou francês para "O Jornal". A tiragem era de apenas 3.000 exemplares por dia e poucos anunciantes procuravam o veículo. Então Nelson Rodrigues, ofereceu-se para escrever o folhetim. Daí nasceu o pseudônimo "Suzana Flag" e o romance "Meu destino é pecar". Cada capítulo ocupava uma página inteira do jornal e continha uma ilustração. Ao todo, foram 38 capítulos, que aumentaram a tiragem do jornal para quase trinta mil exemplares.

Mesmo ganhando dinheiro extra por capítulo, o escritor não gostava que soubessem que escrevia por meio de um pseudônimo feminino. O sucesso foi grande: quando a história acabou, a "Edições O Cruzeiro" lançou o livro com a história, que vendeu mais de trezentos mil livros. Tudo isso originou o lançamento de outro folhetim: "Escravas do amor", que também teve sucesso retumbante. Para Castro (1992, p. 187-188), "Suzana Flag tornava-se um nome nacional. E, como da outra vez, o folhetim terminava no jornal e lá vinha a sua edição em livro. Os intelectuais já começavam a protestar. Nelson Rodrigues estaria dissipando seu talento em 'tarefas inferiores, como os folhetins rocambolescos'.

Após a proibição de duas peças, o lançamento de outra e de mais um folhetim, em 1950 estreou "Doroteia", considerada por muitos seu melhor trabalho teatral. Porém, afirma Chalita (2003):

Quase ninguém parecia ter entendido direito o que vira. (...) de fato, "Doroteia" continha audácias de Nelson que só ficariam claras para a plateia depois que Beckett e Ionesco inventassem o "teatro do absurdo" séculos mais tarde. O "noivo" de Das Dores (...) era um par de botinas. Os homens que viviam ameaçando voltar para Doroteia eram um jarro que se iluminava ou se apagava, conforme a intensidade do seu desejo. Das Dores, ao ser informada de que era uma morta, recusava-se a ir para o Céu e, simplesmente, penetrava de volta no útero da mãe. Como se esperava que em 1950 entendesse isso? (CHALITA, 2003, p. 48).

Vai para a "Última Hora", em 1951, de Samuel Wainer, que propôs ao autor uma coluna diária sobre um fato real. Poderia ter se chamado "Atire a primeira pedra", não fosse a sugestão "A vida como ela é...", dada pelo próprio Nelson. O sucesso foi

estrondoso. A afirmação de Castro (1992, p. 238) demonstra a repercussão causada por ela: “desde o começo, a coluna de Nelson passou a ser leitura obrigatória nos bondes e lotações”.

Em 1953, após a estreia da peça “A falecida”, chamada de “Tragédia carioca” que era, na verdade, uma comédia, Nelson escreveu o último folhetim de “Suzana Flag”, chamado “A mentira”. Rotulado de “tarado” por Calos Lacerda, Nelson ouviu da plateia, ao final da encenação de “Senhora dos Afogados”, em 1954, gritos de “tarado”. Castro (1992, p. 252) discorre que “na sua campanha para arrasar Getúlio [Vargas], Carlos Lacerda tinha primeiro de destruir Samuel Wainer e ‘A Última Hora’ – e, para isso, valia tudo (...)”.

“Perdoa-me por me traíres” trouxe um fato novo: teve Nelson no papel do personagem Raul. Em entrevista à *Manchete* do dia 15 de junho de 1957, afirmou: “para mim, o teatro é uma arte não criada ainda, porque não se escancarou para todos. Dia virá, porém, em que cada um de nós poderá fazer o seu ‘Rei Lear’ de vez em quando” (CASTRO, 1992, p. 272-273). Ao que completa Souza (2006, p. 213) “Nelson não podia adivinhar que, a partir dos anos 70, os palcos se encheriam de não-atores e não-atrizes, como ele propunha”. Da mesma forma, Chalita (2003) considerou como a melhor leitura já feita do teatro de Nelson Rodrigues.

Morbidez? Sensacionalismo? Não. E explico: a ficção, para ser purificadora, precisa ser atroz. O personagem é vil, para que não o sejamos. Ele realiza a miséria inconfessa de cada um de nós. A partir do momento em que Ana Karenina, ou Bovary, trai, muitas senhoras da vida real deixarão de fazê-lo. No “Crime e Castigo”, Raskolnikov mata uma velha e, no mesmo instante, o ódio social que fermenta em nós estará diminuído, aplacado. Ele matou por todos. E, no teatro, que é mais plástico, direto e de um impacto tão mais puro, esse fenômeno de transferência torna-se mais válido. Para salvar a plateia, é preciso encher o palco de assassinos, de adúlteros, de insanos e, em suma, de uma rajada de monstros. São os nossos monstros, dos quais eventualmente nos libertamos, para depois recriá-los (CHALITA, 2003, p. 273).

Viúva, porém honesta estreou no mesmo ano e procurava atingir os críticos que o atacaram pela peça anterior. Em seguida veio “Os sete gatinhos”, em 1958. De agosto de 1959 a fevereiro de 1960, centenas de milhares de leitores acompanharam a história de “Engraçadinha” e sua família em “Asfalto Selvagem”. Foram 112 capítulos, que posteriormente foram publicados em dois livros intitulados “Engraçadinha: seus amores e seus pecados dos doze aos dezoito” e “Engraçadinha: depois dos trinta”. Em determinado momento da história, um dos protagonistas do

romance discursa: “– Os culpados somos nós! Esse filme, quando estreou, era tão inocente, tão puro! Nós é que corrompemos o filme, nós! E, agora, o filme não é o mesmo: – está degradado pela plateia!”. Chalita (2003, p. 272) acredita que “é quase uma receita de Nelson sobre como deveriam enxergar sua obra”.

Em 1960 estreou “Beijo no asfalto”, com Fernanda Montenegro e seu marido, Fernando Tôrres. O espetáculo provocou a saída de Nelson da “Última Hora”, pois nele fazia referências nada positivas para a imagem do jornal. Voltou então ao “Diário da Noite” com “A vida como ela é...”. Otto Lara Resende ou Bonitinha, mas ordinária, brincadeira com o nome do amigo pessoal foi a próxima peça e estreou em 1963.

A primeira novela brasileira também foi escrita por Nelson para Walter Clark, em 1963, intitulada “A morte sem espelho”. Não teve a sua apresentação autorizada para às 20h30 e acabou no horário de 23h30. Após receber a autorização para as 22h, que não compensava financeiramente, Nelson foi convidado para encerrar a novela rapidamente. Em 1964 foram mais duas novelas, as últimas da carreira do autor: “Sonho de amor” e “O desconhecido”.

“Toda nudez será castigada” estreia em 1965 e completa três anos de apresentações pelo Brasil. A partir de 1966, já na Rede Globo, o autor apresentava o quadro de entrevistas “A cabra vadia” dentro do programa “Noite de gala”. No mesmo ano escreveu seu único romance sem pseudônimo “O Casamento”, por encomenda de Carlos Lacerda. O livro vendeu 8.000 exemplares nas primeiras duas semanas de setembro de 1966, pela Editora Eldorado. Um empate de vendas com o romance “Dona Flor e seus dois maridos”, de Jorge Amado.

Nessa época, o ministro da Justiça, Carlos Medeiros Silva, proibiu a venda do livro. No entanto, “Álbum de Família”, outra obra de Nelson, interdita desde 1946, foi levada à cena em 1967 e aplaudida no final. De volta ao jornal “O Globo”, passa a escrever “À sombra das chuteiras imortais”. Ao final de 1973, Nelson escreve “Anti-Nelson Rodrigues”, que estreia no ano seguinte, em 1974. Sua grande e última peça, intitulada “A Serpente” é escrita em meados de 1979, em meio à luta pela anistia e soltura de seu filho Nelsinho.

Em suma, as camadas mais profundas que se revelam nos textos de Nelson estabelecem entre estudiosos a ideia de uma obra que jamais será datada. Chalita (2003) afirma que Nelson estará sempre na esquina, esperando alguma coisa acontecer. Um ruído de fundo que, seja no silêncio, seja no alvoroço dos eventos centenários, não esmorece. Nelson morreu no dia 21 de dezembro de 1980, aos 68

anos, no Rio de Janeiro, por conta de complicações cardíacas e respiratórias. Dois meses depois, Elza, que voltara a viver com ele depois de longo tempo separados, cumpriu o pedido do autor de, ainda em vida, gravar o nome dela ao lado do dele na lápide, com a inscrição: "Unidos para além da vida e da morte. É só". Até hoje os espetáculos do escritor ganham dezenas de remontagens. Além de suas peças, seus romances, contos e crônicas também ganham versões teatrais. Vinte de suas histórias foram adaptadas para o cinema.

4.2 A ENGRAÇADINHA

O romance *Asfalto selvagem*, ou *Engraçadinha*, de Nelson Rodrigues, divide-se em duas partes. Fases distintas (a primeira dos doze aos dezoito anos e a segunda depois dos trinta) da vida da protagonista, Engraçadinha, compreendem núcleos de personagens e cenários igualmente distintos. No romance entram em conflito o que é obsceno e o que é religioso.

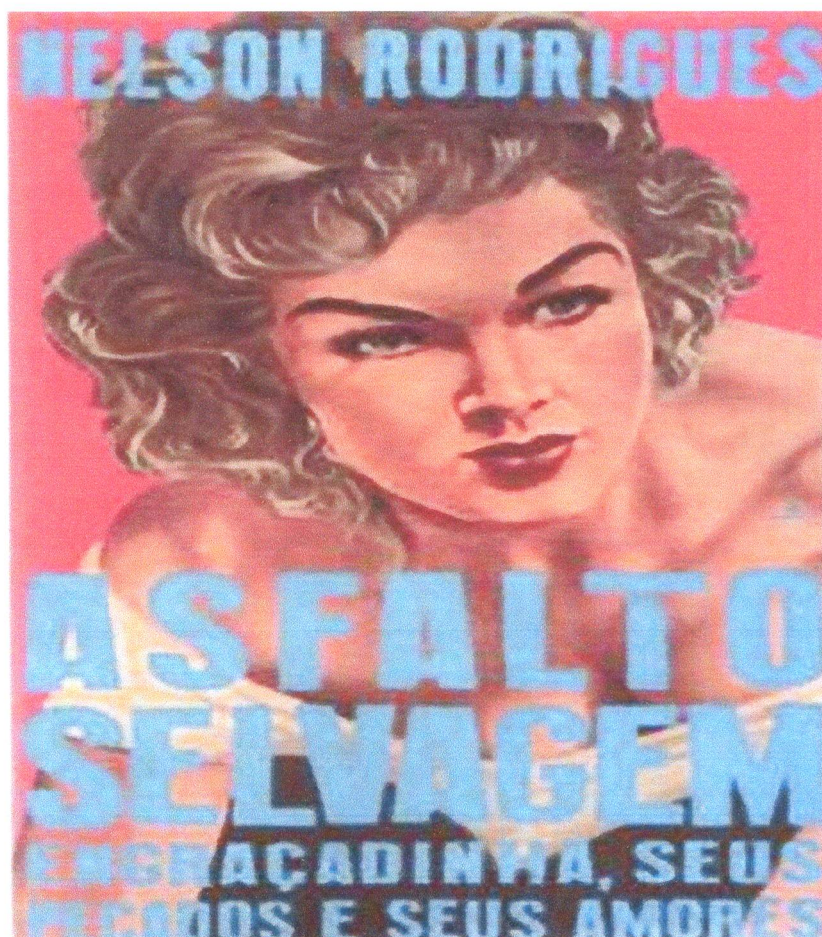


Ilustração 2: A engraçadinha. Fonte: Nelson Rodrigues, 1993.

O fato de o romance ser dividido em duas partes é de extrema relevância, pois a dualidade se instala na história, a partir da protagonista. Engraçadinha (nome, apelido, ou ironia subjetiva, já que de engraçadinha ela não tem nada) é uma mulher vaidosa, sarcástica, e com um olhar profundamente cruel diante daqueles que a cercam.

Ela tem uma consciência precoce da própria sexualidade, uma total admiração por si mesma. Manipula calculadamente o pai, as tias mais velhas, o tio pedante, o padre, os primos. É a ninfa rodriguiana fundamental – atrai, seduz e destrói. O contraste entre a Engraçadinha jovem e a madura é que mostra o grau de frustração com que Rodrigues constrói sua protagonista feminina.

A jovem é petulante, aventureira, e dona de uma vontade primitiva, um desejo irrestrito que ela faz questão de extravasar. Engraçadinha, então com 18 anos, seduz o primo Sílvio na noite da sua festa de noivado com uma outra prima, Letícia.

Depois do ato consumado, determina-se a separar Sílvio de Letícia, afirmando à prima que está grávida do rapaz. Letícia abre mão do noivo para que ele se case com Engraçadinha – numa passividade quase altruísta. Mas quando o pai de Engraçadinha fica sabendo do imbroglío, o mundo da moça começa a ruir.

Começam então as revelações e os desentendimentos que precipitam dissimulações, perversões e maldades. Aliás, todo o texto é construído a partir do artifício da dissimulação – os personagens jamais falam o que pensam, e tanto pensamento quanto argumento são narrados. No discurso, a articulação que pressupõe o normal, o óbvio.

No pensamento, no íntimo, é que estão todas as obscenidades, todas as farpas. Uma dissimulação vem à baía apenas com o objetivo de restabelecer a ordem "natural" das coisas: ao saber do envolvimento de Engraçadinha e Sílvio, Seu Arnaldo, pai de Engraçadinha, confessa que Sílvio não é seu sobrinho, e sim seu filho, fruto de uma única tarde de sexo entre ele e a esposa de seu irmão.

A família, núcleo da maioria dos textos de Nelson Rodrigues, é, na verdade, uma construção em ruína, que deixa entrever um processo histórico recheado de contradições e recalques, escamoteados por uma "moralidade de fachada". Famílias de classe média, participantes de um mundo no qual se congregam os valores capitalistas e a tradição patriarcal, são a alegoria de um passado que apodrece de pé, resistindo ao presente (FRANÇA, 2008, p. 17).

Rodrigues constrói uma trama cíclica, uma propensão à traição entre membros da mesma família – tanto o adultério de Seu Arnaldo, quanto o incesto entre Engraçadinha e Silvio ocorrem no mesmo lugar – no divã da biblioteca da casa. Os dois casos resultam em filhos bastardos – o próprio Silvio e mais tarde, o único filho homem de Engraçadinha (que a princípio inventa a gravidez, mas depois descobre que está mesmo grávida).

Pai e filho desejam e possuem mulheres que não deveriam, rendendo-se ao desejo e à culpa: Arnaldo não se perdoa por ter traído o irmão, que morre antes que a gravidez da esposa venha à tona; Silvio não se conforma em perder Letícia e se divide entre a paixão por Engraçadinha e o amor assexuado pela noiva. Silvio chega inclusive a confundir as duas: no escuro do quarto de Engraçadinha uma noite, Letícia dorme na cama da prima e acaba atacada por Silvio, enquanto Engraçadinha assiste a tudo deitada no chão.

Quando sabe da confusão, Silvio excita-se ao ponto de combinar com as duas primas o mesmo encontro, na noite seguinte: Silvio dormiria com uma na presença da outra; Engraçadinha, já ciente de seu parentesco com Silvio, aceita o desafio de assistir seu amado fazer sexo com outra, já que não pode, em nome da normalidade, fazer sexo com seu irmão.

O triângulo entre Letícia, Engraçadinha e Silvio toma um forma inesperada, e precipita uma das discussões recorrentes da obra rodriguiana: normalidade x monstrosidade ou por outra, a monstrosidade por trás da normalidade. Até que ponto o código moral estabelecido determina a perversão, a maldade e a loucura? Letícia ama Engraçadinha, que ama Silvio, que ama as duas, de maneiras completamente diferentes.

O amor de Letícia por Engraçadinha não é normal, segundo a moral vigente; o amor de Engraçadinha por Silvio seria normal, mas é proibido, também segundo a norma vigente. E como é que Silvio pode amar duas mulheres ao mesmo tempo e ainda, sugerir transar com uma enquanto a outra assiste? "Não existe coisa mais bonita do que ver o ser amado traindo", afirma.

Enquanto forma, por exemplo, a divisão nítida entre os protagonistas, portadores dos conflitos, e o coro que emoldura a ação, formada por vizinhos, parentes, circunstantes; e enquanto conteúdo, as famílias marcadas pelo sofrimento, designadas para o dilaceramento interior, com a maldição que as obriga ao crime e ao castigo passando de pais a filhos (PRADO, 1996, p. 52).

Os sentimentos não são estabelecidos e nem definidos; portanto, não tem limites. Ser amado e ser traído, ter amor e ter ódio, tudo é posto em absoluta perspectiva. "Tudo é detalhe", diria Seu Arnaldo. Leticia, a prima traída, demonstra um interesse obsessivo por Engraçadinha. Magra demais, pálida demais, Leticia é o exato oposto de Engraçadinha - destituída da feminilidade da prima mas, com uma força animal, poderosa, positivamente masculina - capaz de medir forças com o tio para defender Engraçadinha; ou de enfrentar o noivo para que ele assuma o filho que fez na prima; ou ainda, de beijar Engraçadinha na boca, à força.

Alguém que pode submeter-se a um triângulo amoroso para satisfazer o desejo heterossexual da prima. Leticia é a personagem cuja frustração se transforma na afirmação de uma homossexualidade reprimida, na libertação de um ser que lutava contra si mesmo.

As antinomias em que se debatem são sempre extremas — pureza ou impureza, puritanismo ou luxúria, virgindade ou devassidão, religiosidade ou blasfêmia —, em consonância com os sentimentos individuais que se definem (ou se indefinem) pela ambivalência, indo e vindo constantemente do pólo da atração para o da repulsão, em reviravoltas bruscas que proporcionam as surpresas do enredo (PRADO, 1996, p. 52).

As duas fases de Asfalto selvagem marcam exatamente essas diferenças, reforçadas pela mudança de cenário e de status, afinal, depois que se casa com Zózimo, Engraçadinha enfrenta uma realidade bem diferente da condição que tinha, quando morava com seu pai, em Vitória.

No segundo livro - que conta a história dos personagens após os 30 anos - a Leticia introvertida, sem brio, que andava à sombra de Engraçadinha, se transforma numa mulher independente, que assume e busca satisfazer o próprio desejo. E busca ainda a vingança, ao tentar seduzir Silene, a filha mais nova de Engraçadinha.

A Engraçadinha adulta, no entanto, é o resultado de uma frustração que se instaura de maneira traumática: mesmo depois de descobrir que é irmão de Engraçadinha, Silvio faz sexo com ela no mesmo local onde ela o seduziu. Mas depois do ato, Silvio decepa o seu órgão sexual com uma navalha, e definha num hospital sangrando até morrer - apodrecendo assim a própria carne.

A mutilação do falo é a mutilação da sexualidade, da voluptuosidade, e do desejo; é a morte do pecado, que transpira pelos poros da jovem Engraçadinha. O

grito da jovem Engraçadinha na última parte do primeiro livro é o canal pelo qual se extingue toda a força, toda a energia, e toda e qualquer voluptuosidade.

Engraçadinha enterra o próprio desejo, se entrega a um casamento insosso com Zózimo, seu noivo na juventude - um homem apático e desprovido de qualquer virilidade - e se converte a normalidade mais abjeta - o dia-a-dia, o fanatismo religioso, a hipocrisia. Com o marido só faz sexo no escuro, e totalmente vestida. Tem com Zózimo quatro meninas. O menino mais velho, Durval, é filho de Sílvia - e é o preferido da mãe. A menina mais nova, Silene, de 14 anos, tem a mesma volúpia da jovem Engraçadinha.

Durval e Silene tem uma relação de carinho mútuo, e por vezes, obsessivo. Novamente a trama cíclica - mas desta vez, o incesto é inconsciente, involuntário. "Dona" Engraçadinha vive com os fantasmas do seu passado - um deles, a prima Leticia, agora rica e senhora de si, se materializa e tenta abusar sexualmente de Silene para se vingar de Engraçadinha. Vive em total letargia - até renascer ao arrumar um amante. Uma paixão que, por força de sua necessidade de autopunição, não dura para sempre.

Na véspera de fugirem juntos, Engraçadinha recua e volta para o marido, para a vida sem amor, para o seu castigo. Temos, então, no desmembramento da cronologia de Engraçadinha, também o desmembramento de seus amores e pecados. O pecado da jovem Engraçadinha é se amar demais; o da Engraçadinha adulta, é se amar de menos.

A família, que no espaço público deve brilhar, perde o seu verniz quando vista dentro das paredes da casa. Como um organismo vivo, a casa e a família guardam em seu interior a doença, que espera o momento preciso para se manifestar, como um câncer: Toda família tem um momento em que começa a apodrecer. Pode ser a família mais decente, mais digna do mundo. Lá um dia aparece um tio pederasta, uma irmã lésbica, um pai ladrão, um cunhado louco. Tudo ao mesmo tempo (FRANÇA, 2008, p. 19).

Os extremos se associam ao papel do típico folhetim rodriguiano - chocar para esclarecer. Fornecer, como disse o próprio Nelson, uma "rajada de monstros" no palco, exatamente para nos lembrarmos de quem somos - ou poderíamos ser. Engraçadinha transita pela normalidade e pela monstruosidade com a desenvoltura de quem confunde os dois parâmetros - e por isso, acaba transformando a sua vida num inferno travestido de cotidiano e renúncia, do qual simplesmente não consegue sair.

4.3 A DAMA DO LOTAÇÃO

O conto “A Dama do Lotação”, escrito por Nelson Rodrigues e publicado originalmente na coluna diária “A vida como ela é...” (1951 a 1961). Em “A vida como ela é...”, há uma série de contos cujas personagens femininas apresentam defeitos comuns como falhas de caráter, contradições entre o que falam em público e o que fazem na vida privada, desejos insólitos como o marido da irmã, o homem desconhecido que passa.



Ilustração 3: A dama do lotação. Fonte: Nelson Rodrigues, 1993.

Em “A Dama do Lotação” há um triângulo amoroso (a princípio), que guarda sobre o comportamento da protagonista uma inesperada (e anormal) revelação. Sobre a tipologia narrativa, Maria (2016) acrescenta que:

Uma boa parte do que ouvimos e contamos entre familiares, em animadas reuniões sociais ou no ambientes de trabalho são episódios encadeados em consequentes desdobramentos, caracterizando o gênero narrativo. Um atributo inerente à condição humana: a capacidade de armazenar na memória é maior quando os fatos se organizam em histórias (MARIA, 2016, p. 15).

O espaço da narrativa é algum bairro do Rio de Janeiro dos anos 1960, talvez a Tijuca, o Grajaú, onde habita uma família de classe média, resignada, Solange e Carlinhos. A moça casada há dois anos, é do lar, não trabalha e possui empregada doméstica. Tais marcas fazem o leitor supor uma situação financeira confortável.

O narrador explica ao início que ambas as famílias do casal são de pessoas de um certo nível social: Carlinhos é filho de militar e a família de Solange é composta de pessoas importantes, inclusive um “ministro de Estado”. Esta apresentação transporta o leitor para o cenário esperado, dos “bons costumes”, “da moral social”, dos lugares sociais estabilizados culturalmente para famílias tradicionais de qualquer grande metrópole como o Rio de Janeiro.

O que torna “A Dama do Lotação” um texto interessante é justamente o modo como a história é contada por Rodrigues. A história se inicia por uma desconfiança de Carlinhos sobre a fidelidade de sua esposa, Solange. O narrador, de fora da história, conta sobre uma visita de Carlinhos ao pai para contar sobre a dúvida em relação à conduta de sua mulher.

O pai militar defende a moça de todas as maneiras e merece inclusive a desconfiança do leitor. Alguns supõem que estivera em algum momento com Solange. O texto não prova, somente deixa a pista. O narrador faz uma digressão e retorna ao episódio que gerou a dúvida de Carlinhos sobre a honestidade de sua mulher.

Em um jantar, na noite anterior, Carlinhos recebe um amigo muito íntimo em sua casa, o Assunção. Ao cair seu guardanapo, percebe, por debaixo da mesa, que os pés de Solange estão sobre os de Assunção. O narrador minimiza o fato, numa espécie de outra voz de Carlinhos, mas este investiga o caso, pressiona a moça com uma arma de fogo sobre a mesa, e Solange faz a revelação que surpreende o leitor: todas as tardes toma uma “lotação” e escolhe alguém como alvo. Revela que o traiu com “metade do Rio de Janeiro”. Carlinhos, impotente com a situação, se acomoda diz “estar morto” para a vida. A moça faz o mesmo: continua a sua rotina vespertina, mas “se torna viúva de um marido vivo”.

Solange é uma mulher que transgride a sua condição. Recusa a felicidade da estabilidade do casamento e o destino natural de mulheres como ela para ocupar um outro lugar, de incerteza. Convive com o lar e a rua. Está no campo do sagrado e do profano. É um paradoxo de mulher. Damatta (2004), analisando o Brasil e as ideologias com as quais convivemos, em uma relação entre alimentação a sexualidade, relata a crença social de que:

Mulheres que se oferecem sexualmente são como prostitutas e, por isso, correm o risco de serem rejeitadas. Já as virgens, que se tornam esposas e mães pelo casamento com bolo de noiva e docemente saem de suas famílias para os braços dos seus maridos, essas não se oferecem e, assim, passam de virgem a mãe seguindo o caminho normal (DAMATTA, 2004, p. 33).

Solange é uma personagem que constrange o leitor. Seu comportamento é oposto ao da mulher “de família”, mas ela é de família. Está dentro e fora dos padrões é “para casar” e não é. As ideologias hegemônicas entram em xeque na história de Nelson Rodrigues. Damatta (2004) continua:

No Brasil, os homens são comedores quando se trata de virgens e esposas, mas nas suas relações com as mulheres do mundo e da vida – ou com aquelas que se definem como independentes, individualizadas – eles é que são os comidos (DAMATTA, 2004, p. 34).

Sendo de família conceituada, Solange tem uma empregada em casa, que faz a comida do casal, portando não cozinha, o que colabora para compreendermos a contradição verificada no comportamento desta personagem:

— *O jantar está na mesa.*

Ele, sem se mexer, respondeu:

— *Pela última vez: morri. Estou morto.*

A outra não insistiu. Deixou o quarto, foi dizer à empregada que tirasse a mesa e que não faziam mais as refeições em casa.

Há uma série de mulheres na literatura lembradas por Maria (2016, p. 34) que sabem as artes da culinária, cozinham para seus companheiros para conseguir o que desejam. “Gabriela e Dona Flor são cozinheiras de rara capacidade e estilo; também a escrava Xica da Silva (...) articuladora de temperos transformando em dominado o dominante-branco-comedor.”

Em suma, em “A Dama do Lotação”, tem-se Solange como uma excelente esposa, adorada por todos, inclusive pelo sogro. Mas Carlinhos, seu marido, começa a desconfiar da fidelidade dela por ter visto, por acaso, os pés dela encostados aos pés de Assunção, um amigo do casal, durante um jantar.

Posteriormente, Carlinhos surpreende Solange em uma mentira. Temerosa de que o marido matasse Assunção e forçada à confissão, conta a verdade ao marido:

todos os dias ela pegava um loteação, sentava-se ao lado de um homem diferente, descia com o escolhido e consumava a traição.

Atordoado por tantas traições e por não poder limpar a sua honra matando o amante (pois eram muitos e, ainda por cima, desconhecidos), resolveu fingir-se de morto. Solange, como boa esposa que era, rezou como viúva no velório do marido vivo. Sobre esse conto, afirma Zechlinski (2006):

Nos contos 'Pecadora' e 'A Dama do Loteação' as protagonistas tinham, na primeira impressão, a virtude e a honestidade como alguns de seus principais atributos, embora isto não se confirme posteriormente. Elas inspiravam a maior confiança: 'O velho e diabético general poderia pôr a mão no fogo pela nora. Qualquer um faria o mesmo' (...) Elas enganam, no entanto, o marido e os demais componentes da família, elas não são o que parecem ser (ZECHLINSKI, 2006, p. 3).

Em "A Dama do Loteação" torna-se evidente a preocupação em torno do status social perdido pelo marido em decorrência da traição da esposa. No momento em que Solange confessou suas traições, Carlinhos preocupou-se não com as aventuras da sua mulher com os mais diversos homens do loteação, sua principal preocupação foi com as que aconteceram com os seus conhecidos. Ou seja, ele preocupou-se com sua imagem perante os amigos e a sociedade: "Mas esses anônimos, que passaram sem deixar vestígios, amarguravam menos o marido. Ele se enfurecia, na cadeira, com os conhecidos" (ZECHLINSKI, 2006, p. 93-94).

Nelson Rodrigues, colaborando para a discussão a respeito do adultério na literatura e na sociedade, provocava o imaginário coletivo da época, escrevendo na coluna diária "A vida como ela é..." contos que insinuavam como a vida não deveria ser, nos quais apresentava anomalias da conduta de mulheres de todas as idades. Manteve assim o desvio, que sempre imperou em sua temática.

Porém, erroneamente julgado pela sociedade, que o taxava de tarado e pervertido, Nelson mostrava seu lado moralista ao, junto das histórias, também apresentar seu julgamento das mulheres infiéis. Seja punindo as personagens femininas com a morte delas ou de algum ente próximo a elas (como a morte figurativa de Carlinhos, em "A Dama do Loteação"), seja reprovando as atitudes das esposas por meio de adjetivação, o escritor mostrou ter reservas em relação ao adultério feminino.

Após leitura detalhada dos contos, constatamos que o narrador é uma das principais armas utilizadas por Nelson Rodrigues para realizar esse julgamento das mulheres infiéis. É por meio dele que se expõem as diferenças entre homens e

mulheres. Também por meio dele é que temos acesso ao pensamento do marido traído ou ao pensamento da adúltera.

Adúlteras que, aliás, são de três diferentes “tipos”, elencados por Zechlinski (2006), a saber: a doce esposa perfeita, a esposa-megera e a frívola. Todas elas estão realmente presentes, respectivamente, nos contos “A Dama do Lotação”, “Casal de três” e “O decote”. Tal classificação é fundamental para diferenciarmos as esposas entre si e entendermos o porquê de suas traições, além de distinguirmos o efeito de suas traições nos maridos, que parecem ser o foco principal do autor.

5 CONCLUSÃO

A sexualidade é um conceito amplo e tem a ver com a maneira única de ser de cada pessoa, representando o jeito particular de ser do homem e da mulher, segundo seus valores, crenças, seu histórico, intuições, emoções, sentimentos, pensamentos e sensações e, também, com o modo de se relacionar com o mundo ao seu redor, conforme o contexto que se está inserido, no que tange ao cenário do seu ambiente social, cultural, político, econômico, tecnológico e histórico. Mais precisamente, o modo como cada pessoa se relaciona consigo, com seu corpo e com seu mundo externo, o que aponta para vários tabus.

A escrita literária que tem como tema específico a sexualidade, também se debate em torno de muitos tabus, sendo considerada, muitas vezes, como pornográfica. No entanto, as diferenciações a respeito são transitórias e mutáveis, conforme a época e culturas. Observa-se também que não existe erotismo sem tabu, sendo que o próprio apelo do erotismo reside na proibição e no constrangimento causado historicamente em torno da sexualidade, mesmo o erotismo sendo uma representação sutil e subtendida do ato sexual.

Tabus relacionados à sexualidade sempre existiram e muitos perduram em pleno século XXI, tendo a mulher como alvo mais comum, carregando culpas que vão desde Eva e a perda do paraíso, o sexo da criança concebida, a responsabilidade pelo resultado da educação do filho, sempre considerada a virgem imaculada, pura e casta ou a devassa pecaminosa, temática levantada com maestria nas obras de Nelson Rodrigues.

A liberdade sexual da mulher ainda representa grande tabu por conta de conceitos arraigados, cujo as raízes são amarras à felicidade e vida plena das mulheres. Ignora-se que a mulher é um ser sexuado e sensual com necessidades e desejo sexuais, particulares a cada uma delas.

A mulher pode vestir-se como bem lhe agradar, não significando disponibilidade para ser estuprada. Ela pode casar de vestido branco, vermelho ou cinza, conforme seu gosto, mas também pode optar por não se casar. Ela pode conhecer seu primeiro namorado, com ele se casar e ser feliz para sempre, ou pode namorar muitos e muitos, até encontrar sua alma gêmea, mas também pode considerar ser ela mesma a sua própria alma gêmea, livre e solta. A mulher pode preferir relacionar-se com pessoa do mesmo sexo ou com vários parceiros. Ela pode vender seu corpo, já que este lhe

perence. Pode viver de aventuras, visto que nesta vida quem muitos beijos, pode até morrer de saudade, mas de amor viveu.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, R. **O prazer do texto**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.
- BUGALHO, Henry. **Erotismo, para além do sexo**. 2009. Disponível em: <http://www.revistasamizdat.com/2009/01/erotismo-para-alm-do-sexo.html>. Acesso em fev. de 2020.
- CARVALHO, Renata Augusto de. **Erotismo e intertextualidade na narrativa de Marcia Denser**. Universidade Mackenzie. São Paulo, 2008.
- CASTRO, Ruy. **O anjo pornográfico**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- CEREJA, Willian Roberto; MAGALHÃES, Tereza Cochar. **Português e Linguagens**. Vol. 3. 7ª ed. reform.-São Paulo: Saraiva, 2010.
- CHALITA, Gabriel. **Dramaturgia Brasileira**. São Paulo: Atlas, 2003.
- CIXOUS, H. **The Laugh of the Medusa, 1975**. In.: FREEDMAN, S. B. *The essential feminist reader*. New York: Modern Library, 2007.
- CLARET, Martin. **O pensamento Vivo de Freud**. Rio de Janeiro. Martin Claret Editores LTDA, 1996.
- COUTINHO, Afrânio. **Literatura Erótica**. 2001. <http://www.edtl.com.pt>. Acesso em fev. 2020.
- DAMATTA, Roberto. **O que é o Brasil?** Rocco: Rio de Janeiro, 2004.
- DIONE, Paula. **A Sexualidade na História**. 2019. Centro de Estudos Holiste. Disponível em: <https://www.holiste.com.br>. Acesso em fev. de 2020.
- FARIA, Camila Conceição. **Adultério**. 2013. Disponível em: <http://www.infoescola.com/sociologia/adult'weri>. Acesso em fev. de 2020.
- FOUCAULT, Michel. **A história da sexualidade**. 13 ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1984.
- FRANÇA, Renato Gomes da. **Nelson Rodrigues: uma poética da aniquilação, 2008**. Disponível em: <http://www.letras.ufrj.br/posverna/mestrado/FrancaRG.pdf>. Acesso em: 10 de março de 2020.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.
- HELLMANN, Géssica. **Arte, corporalidade e sexualidade**. Disponível em: <http://www.gehspace>. Acesso em jan. 2020.
- HORTA, Maria Teresa. **As palavras do corpo**. 1971. Edição: Dom Quixote, edição de 2013.

IRIGARAY, L. **This sex which is not one**. Ithaca, New York: Cornell University Press. 1985.

LIMA, Mario de Almeida. **Eça de Queirós**. LPM Editores. 2005.

MARIA, Luzia de. **O clube do livro. Ser leitor, que diferença faz?** São Paulo. Global Editora, 2016.

MULLER, L. **Educação sexual em 8 lições: como orientar da infância a adolescência: um guia para professores e pais**. São Paulo: Academia do Livro, 2013.

PALEÓLOGO, Constantino. 1922-1966. **Eça de Queirós e Machado de Assis/ introdução, cronologia e notas críticas de Evaristo de Moraes Filho**. Rio de Janeiro:Tempo Brasileiro; Brasília: INL, 1979.

PAZ, Octavio. **A dupla chama: amor e erotismo**. Tradução: Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PRADO, D. de A. **O teatro brasileiro moderno**. São Paulo: Perspectiva, 1996.

RODRIGUES, Nelson. **Nelson Rodrigues: O melhor do Romance, Contos e Crônicas**. São Paulo: Editora Schwarcz, 1993.

SOARES, A. **Metamorfoses do corpo na poesia de Maria Teresa Horta**. In Seminário Permanente de Literatura Comparada, 1996, UFRJ, Rio de Janeiro.

SOUZA, Marcos Francisco Pedrosa Sá Freire de. **Nelson Rodrigues – Inventário Ilustrado e Recepção Crítica Comentada dos Escritos do Anjo Pornográfico**. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras, 2006. 237 fl. mimeo. Tese de Doutorado em Literatura Comparada.

SOUZA, Natália Salomé de; PEREIRA, Vinícius Carvalho. **Escrevendo-se mulher: um diálogo entre a crítica feminista e a lírica de maria Tereza Horta**. 2014.

TAYLOR, T. **A pré-história do sexo: quatro milhões de anos de cultura sexual**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

ZECHLINSKI, Beatriz Polidori. **A fidelidade feminina em questão: um estudo de contos da coluna A vida como ela é... de Nelson Rodrigues, 2006**. Disponível em http://www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/B/Beatriz_Polidori_Zechlinski_13_C.pdf. Acesso em 10 de março de 2020.